

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

PEDRO ULISSES XAVIER

**A SEXUALIDADE INFANTIL À LUZ DA TEORIA FREUDIANA E A
COMPREENSÃO DA TEMÁTICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO DE
UNIDADES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE URUAÇU.**

URUAÇU-GO
NOVEMBRO/2014

PEDRO ULISSES XAVIER

**A SEXUALIDADE INFANTIL À LUZ DA TEORIA FREUDIANA E A
COMPREENSÃO DA TEMÁTICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO DE
UNIDADES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE URUAÇU.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás, sob a orientação da professora Mere Tomé Ferreira Lima.

URUAÇU-GO
NOVEMBRO/2014

PEDRO ULISSES XAVIER

**A SEXUALIDADE INFANTIL À LUZ DA TEORIA FREUDIANA E A
COMPREENSÃO DA TEMÁTICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO DE
UNIDADES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE URUAÇU.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás, para obtenção do título de graduado, aprovado em 10 de Dezembro, de 2014, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Mere Tomé Ferreira Lima – UEG
Professora orientadora

Prof.^a Rosângela Tavares - UEG
Membro da Banca Arguidora

Prof.^a. Gizelda Rodrigues - UEG
Membro da Banca Arguidora

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Lúcia Xavier, sem seu cuidado e amor tudo seria incompleto e não existiria em mim o desejo de realizar os mais altos sonhos. Em todos os desafios, pude encontrar em seus braços força e incentivo para prosseguir, a ela minha eterna gratidão e amor.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois seu fôlego de vida, me sustentou, possibilitando que realizasse até o inatingível. A minha família por ser a base sólida de tudo aquilo que sou. A professora orientadora Mere Tomé que com muita paciência e sabedoria me auxiliou no desenvolvimento deste trabalho.

“Não desejo suscitar convicções,
o que desejo é estimular o pensamento
e derrubar preconceitos.”

Sigmund Freud

RESUMO

Com um caráter qualitativo e exploratório o projeto monográfico a seguir, tem como finalidade pontuar a sexualidade infantil sem as barreiras culturais e sociais a que são impostas, bem como sua abordagem no contexto educacional. Pretende-se atentar para as especificidades a qual a criança está sujeita, no tocante à sua sexualidade, visto que essa é algo inerente ao ser humano e o acompanha desde seu nascimento. A pesquisa contempla uma base teórica que se ancora nos estudos de Sigmund Freud, especificadamente em sua célebre obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905”, a qual veio iluminar a compreensão da sexualidade da criança. Há um enfoque também na relevância da formação e capacitação do docente para a atuação nesta área, bem como a participação da família. Buscando averiguar o trabalho e o olhar pedagógico que educadores de unidade de educação infantil lançam à sexualidade da criança, foi realizada uma pesquisa de campo. Como elementos dessa pesquisa foram construídos instrumentos de coleta de dados em forma de questionários abertos e observação em campo. Os dados levantados através da observação tiveram grande relevância para as análises, que intenta mostrar as abordagens da orientação sexual no contexto educacional e familiar. Nesta perspectiva ressalta-se que a sexualidade infantil ainda encontra grandes barreiras nos espaços escolares e em nossa sociedade em geral. São muitos desafios a serem enfrentados pelos futuros profissionais da educação, porém, com uma capacitação adequada, tornar-se-ão aptos a contribuir para que os educandos tenham uma formação livre de resistências e preconceitos.

Palavras-chave: Sexualidade infantil – criança – educação sexual – família – escola.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 A sexualidade infantil sob o prisma Freudiano.....	10
2.2 As fases do desenvolvimento psicosssexual.....	14
2.3 Fase oral.....	15
2.4 Fase anal.....	16
2.5 Fase fálica.....	18
2.6 Complexo de Édipo.....	19
2.7 A resolução do complexo de Édipo.....	21
2.8 Período de latência.....	21
2.9 Fase genital.....	23
2.10 A sexualidade infantil no espaço familiar.....	24
2.11 A sexualidade infantil no contexto educacional.....	26
2.12 A sexualidade infantil e os PCN.....	28
3 METODOLOGIA.....	30
4. ANÁLISE DE DADOS.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
7. WEBGRAFIA.....	45
ANEXOS.....	46
APÊNDICES.....	49

1. APRESENTAÇÃO

Abordar o tema sexualidade infantil é um desafio, pois mesmo sendo algo tão comum aos seres humanos, as várias áreas da sociedade ainda a enxergam com olhares vinculados ao preconceito e contradições culturais. A ideia de realizar esta pesquisa partiu durante a realização de estágio na educação infantil no ano de 2013. Durante esse período as crianças levantaram muitas dúvidas a respeito da sexualidade e essas surgiam em muitos momentos, e diante dos questionamentos, percebe-se como os acadêmicos da área de Pedagogia, não são informados de maneira consistente para que venham contribuir na construção de uma sociedade que respeite a criança em suas especificidades, atribuindo a ela o valor necessário para o desenvolvimento saudável de sua sexualidade. É importante saber que a sexualidade é um fator importante no desenvolvimento global da criança, por isso não deve ser ignorada, sendo assim as experiências vividas pela criança contribui para a formação da pessoa adulta.

Isto posto, o presente projeto visa desmistificar valores culturais ainda enraizados em nossa sociedade, buscando subsídios teóricos e práticos para aclarar a sexualidade da criança à luz da Psicanálise. Fundamentado nos estudos de Sigmund Freud, fundador desta escola, o Referencial teórico apresenta a concepção e características da sexualidade infantil, presentes em suas extraordinárias descobertas que romperam paradigmas e construíram novos caminhos para a sexualidade da criança. O psicanalista brilhantemente desvela detalhes na sexualidade infantil ainda não observados, afirmando que essa é uma parte fundamental que atua desde o início da vida humana.

Para o autor é na infância que surgem a maioria dos conflitos de ordem sexual, estes aparecem em razão das experiências traumáticas e reprimidas que refletem em neuroses na vida adulta. Sendo assim há um enfoque na importância da participação da família e do contexto educacional na construção da identidade da criança.

Em prosseguimento é apontada a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa que consiste numa abordagem exploratória e qualitativa acerca da sexualidade infantil, a pesquisa foi realizada em dois Centros Municipais de Educação Infantil da cidade de Uruaçu, que foram escolhidas por se localizarem em áreas distintas e apresentarem contextos socioeconômicos diferentes.

E por último são informados os resultados da pesquisa sendo esta fonte para as reflexões que instigam a formular ações interventoras. Nas observações e questionamentos realizados percebe-se que na educação infantil as manifestações sexuais das crianças ocorrem de modo frequente e, muitas vezes, os educadores não

sabem como esclarecer às crianças ou não consideram esse um papel do professor, seja por dificuldade pessoal ou por falta de formação acadêmica. Por isso, a formação de professores nesta temática, sobretudo no âmbito da educação infantil, é tão necessária.

Atualmente, embora tenham ocorrido mudanças na forma de pensar e agir da sociedade há grandes barreiras quando se trata da sexualidade infantil. A escola e a família encontram obstáculos na abordagem do tema, sendo assim, a criança se vê enclausurada com seus questionamentos que, uma vez não respondidos, permanecem obscuros.

Nessa perspectiva, é importante promover esclarecimentos e reflexões, para a construção de uma educação crítica e responsável a respeito da sexualidade infantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A sexualidade infantil sobre o prisma Freudiano.

A criança é um ser em pleno desenvolvimento. Se analisarmos seu contexto histórico perceberemos as várias transformações sofridas nessa fase da vida humana. No que concerne à sua sexualidade, destaca-se a grande dificuldade da abordagem deste tema, pois mesmo tendo conquistado inúmeros direitos, a criança ainda não tem sua sexualidade reconhecida em suas especificidades.

Para Airès (1973) a criança é um ser cuja sexualidade foi por muito tempo determinada pela visão dos adultos que a rodeavam. Em sua obra, *História Social Da Criança e Da Família*, o autor analisa o comportamento e transformações sociais ocorridas nessa etapa da vida, observando que no século XVI, tanto as cortes, quanto as famílias que não compunham a nobreza, acreditavam não ser necessário dar a devida importância a sexualidade infantil.

Airès (1973) nos relata um trecho em sua obra que nos leva a entender como a sexualidade infantil era encarada, afirma que em certas ocasiões o médico de Henrique IV, pai de uma das figuras centrais de seu livro, Luís XIII, anotava os fatos corriqueiros da vida deste, ficando confuso diante da liberdade com que tratavam as crianças, do modo que as brincadeiras ocorriam e da imoralidade dos gestos, sendo que tais acontecimentos eram vistos com perfeita naturalidade pelos adultos.

Nesta época as brincadeiras com genitais, feitas pelas próprias crianças e adultos eram vistas com normalidade, muitas vezes estas presenciavam ocasiões de atos sexuais entre os adultos e participavam de conversas de cunho sexual. Essas cenas se concretizam claramente quando analisamos os relatos que o autor faz em seu livro, sobre determinados momentos da vida do jovem Luís XIII:

“Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos”. Brincadeiras encantadora, que a criança não demora a dominar. Ela chama um pajem “com um Ei!, e levanta a túnica, mostrando-lhe o pênis”. (AIRES, 1973, p.75)

Anterior a Sigmund Freud alguns pesquisadores já tinham como centro de sua discussão a sexualidade, porém o autor foi o que mais se destacou, escrevendo importantes trabalhos psicanalíticos sobre a sexualidade humana.

Freud desenvolveu a teoria da sexualidade a partir de observações feitas em pacientes adultos que padeciam de sintomas histéricos, neste processo de pesquisa o psicanalista percebe que a raiz desses transtornos psicológicos tinham origem na

infância.

Segundo Shirahige e Higa (2004) os estudos de Freud com as pacientes histéricas foram bastante relevantes para a elaboração de suas teorias, mesmo havendo uma supervalorização dos relatos de sedução das pacientes, essas narrações foram fundamentais para se propor o desenvolvimento da função sexual.

Estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade puritana da época pela concepção vigente da infância, a qual era rotulada com extrema inocência. Entre as camadas sociais desse período pairava uma cultura essencialmente tradicional. A sexualidade era considerada como algo embasado apenas em valores morais e religiosos, e tinha a reprodução como função principal. Sendo assim qualquer ação fora desses padrões era reprimida uma vez que era considerado perversão.

Dessa descoberta resultou o trabalho intitulado *A sexualidade infantil*, que chocou a sociedade da época e serviu de pretexto às resistências contra a Psicanálise. A consequência mais importante da obra foi colocar por terra um dos pilares da teoria da sexualidade, ou seja, a constituição da sexualidade como própria do período da puberdade. (CARRARA, 2004, p. 16)

Os contemporâneos de Freud, em sua maioria, acreditavam que as crianças não possuíam sexualidade, sendo esta, adquirida subitamente entre a faixa etária dos doze aos quatorze anos. Contraopondo-se a tais concepções, Freud afirmava que na adolescência o que aflora é a função reprodutiva e que a função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento, e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes.

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. (FREUD, 1905, p.106)

As considerações de Freud estabeleceram uma grande ruptura entre o modelo de sexualidade vigente na época, com aquele que a partir de estudos psicanalíticos se instituíram. Sendo assim se faz necessário entender o conceito de sexualidade segundo a psicanálise.

A sexualidade foi amplamente fundamentada no livro *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905), no qual transmite a importância desta em todas as práticas humanas, os inscitos desse livro eleva a sexualidade a novos conceitos, e assim permanece de sexualidade infantil, que designa um modo de sexualidade que está

presente na infância, mas se prolonga por toda vida do sujeito.

Segundo Shirahige e Higa (2004), é importante lembrar que o conceito de sexualidade para a psicanálise é bastante amplo. Cita a obra de Freud, Dois Verbetes De Enciclopédia (p.297) em que o autor descreve que:

Tornou-se necessário ampliar o conceito do que era sexual, até abranger mais que o impulso no sentido da união dos dois sexos no ato sexual ou da provocação de sensações agradáveis específicas nos órgãos genitais. Essa ampliação foi, porém recompensada pela nova possibilidade de aprender a vida sexual infantil, normal e perversa, como um todo único. (CARRARA, et al; FREUD,

Ao escutar seus pacientes Freud enxerga um cenário no qual a sexualidade era entendida como uma força, um ímpeto, aquilo que nos instiga o tempo todo não apresentando picos nem declínios, ou seja, um impacto constante.

Freud (1905) teoriza que essa sexualidade pulsional está presente na infância e se refere ao comportamento e desenvolvimento sexual das crianças, não é uma sexualidade baseada nos órgãos genitais, mas envolve a criança de diversas formas, no olhar, na boca, nos gestos, aquilo que escuta que vê, que faz. Diz respeito, portanto, às trocas que a criança realiza com o mundo.

Para Barros (1998) o comportamento do ser humano é direcionado pelo impulso sexual, que Freud nomeou de libido, que significa prazer.

Para Shirahige e Higa (2004) “libido é um nome na Psicanálise para designar energia sexual”.

Sendo assim a libido constitui-se em uma energia sexual, não de acordo com a conotação encontrada no senso comum, mas no sentido de manutenção da vida, também denominada energia vital.

Nesta perspectiva (Shirahige e Higa, 2004) apontam que o impulso sexual se manifesta desde os primeiros anos da infância se prolongando até a idade adulta. Seriam aspectos perversos da sexualidade infantil. Denominados perversos pelo desvio que acontece em relação ao objeto e ao seu fim.

Para Freud (1905) a perversão habita todo indivíduo, mas não necessariamente o faz pervertido, sendo assim a sexualidade é um labirinto onde cabe a cada um de nós encontrar seu caminho.

Desse modo Freud (1905) focaliza o indivíduo e sua relação com o mundo apontando a infância como o início do desencadeamento dos conflitos psíquicos. Segundo ele é, sobretudo, a existência de uma sexualidade infantil, que atua desde o princípio da vida, que vem ampliar o campo daquilo que os psicanalistas chamam de

sexual. Freud estudou a origem da sexualidade nas crianças por entender que todas as inclinações à perversão tinham origens na infância e suas descobertas colocaram a sexualidade no centro da vida psíquica desenvolvendo um dos conceitos mais importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservam o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ele. Desse modo, nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal. (FREUD, 1905, p.106)

Analisando crianças desde a mais tenra idade Freud (1905) percebeu que os primeiros impulsos da sexualidade ligavam-se as funções vitais, como a ingestão de alimentos. Deste modo, fome e libido estariam relacionadas: libido como a força do instinto sexual e fome como a força do instinto de nutrição. Em seus estudos, Freud pontuou que no ato de mamar o bebê encontra no seio materno outras compensações prazerosas além do simples saciamento de sua fome.

Barros (1998) comenta que o primeiro objeto de afetividade da criança é o seio materno, o bebê inconscientemente, sente que o seio é um objeto de gratificação ao qual ele encontra o alimento que lhe proporciona satisfação.

Ao analisar a sexualidade infantil, Freud (1905) a classifica como perversa-polimorfa.

Quando Freud (1995) faz alusão à perversão polimorfa da criança, além de apontar que a satisfação advém das múltiplas zonas erógenas do corpo, ele postula que o prazer está ligado a certas fixações relacionadas às fases da sexualidade infantil, que permanecem registradas no psiquismo e contribuem para a conformação da sexualidade genital de cada um na vida adulta. (GUIMARÃES, 2012, p.53)

Segundo Guimarães (2012) a sexualidade infantil perverso polimorfa constitui-se a sexualidade por excelência, considerada também a sexualidade originária. Desse modo a sexualidade adulta e genital é resultado de uma transformação da originária, e dela conserva seus traços, visto que o indivíduo jamais se desprende completamente da influência das primeiras experiências sexuais, mesmo que estas ocorram de forma modificada.

Sendo assim a sexualidade é uma dimensão humana essencial, e deve ser entendida na totalidade de seus sentidos, como tema e área de conhecimento. É um fator que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos,

vemos, sentimos e herdamos da família, escola, comunidade e cultura onde nos fixamos. Um instrumento relacional importante.

Em sua obra Freud (1905) promulgou o processo de desenvolvimento psicosssexual, no qual considerava que o indivíduo encontra o prazer no próprio corpo e que nos primeiros tempos de vida a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência.

O alvo sexual infantil da pulsão consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso. (FREUD, 1905, p. 112)

2.2 As fases do desenvolvimento psicosssexual.

As fases do desenvolvimento psicosssexual preconizadas por Freud, ocorrem à medida que a libido se organiza progressivamente em uma zona erógena do corpo, isto é, uma região prazerosa. A área na qual a libido se organiza dá nome às fases, a saber: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital.

No século XX Freud desenvolveu a célebre teoria de que a criança passa por fases distintas durante seu crescimento. Esses estudos auxiliam pesquisadores e educadores afim de entender a sexualidade infantil e a educação da criança. Freud (1905) dividiu a evolução da sexualidade em dois grandes momentos: as fases pré-genitais e a fase genital. Sobre essa divisão Barros (1998) menciona:

Em 1905, em seu livro *Três ensaios sobre a sexualidade*, Freud descreveu a sequência das manifestações do impulso sexual, distinguindo cinco fases: oral, anal, fálica, de latência e genital. A transição de uma fase a outra é muito gradual; as fases se superpõem e sua duração varia de um indivíduo para outro. (BARROS, 1998, p. 81)

2.3 Fase oral.

A fase oral é a primeira no desenvolvimento pré genital da sexualidade, ocorre desde o nascimento até cerca de dois anos de idade. Ao nascer, a criança possui em sua estrutura sensorial, boca e lábios, as zonas erógenas mais desenvolvidas. Nesse momento da vida, a libido se organiza nessa região portanto, o prazer se encontra nos

atos de sugar, posteriormente morder, bem como na ingestão de alimentos. A fase oral foi assim denominada, pois tudo que a criança pega leva à boca. É nela que ocorre a primeira conexão da criança com o mundo.

Nesse período qualquer parte de seu corpo, lábios, língua, dedo das mãos ou dos pés, ou ponto da pele, pode ser empregado como objeto para sucção. O mundo, nesta fase, tem característica de boca. Assim o “gostar” ou “não gostar” da criança poderia ser expresso como “quero colocar na boca” ou “quero tirar da boca”. Daí advêm expressões usuais como “uma leitura gostosa”, “quero morder o bebê” etc. O prazer de fumar, beber, beijar, declamar poesia, fazer discursos. (SHIRAHIGE E HIGA 2004 p. 29)

É no período da infância que a criança tem seus mais puros sentimentos e emoções. Esses são demonstrados com muita intensidade. A dor, a alegria e outras sensações são indispensáveis para a interação da criança com o meio no qual ela está inserida. Observa-se então que nessa fase a criança internaliza o mundo através da introjeção e posterior imitação.

Segundo Freud (1905) a sexualidade é instituída na primeira infância quando surge as experiências afetivas do bebê. Sendo assim a percepção do bebê é captada sensorialmente e a base para esse aprendizado será o contato da criança com os pais e o meio em que o cerca. Essa constituição ocorrerá por meio da energia afetiva, que levará o organismo a perseguir seus objetivos. O bebê mama, chora, se angustia pela falta da mãe e necessita de sua presença, nesse sentido a felicidade da criança está na presença de um adulto que o cuide através da boca.

A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo caído de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (FREUD, 1905, p.111)

O seio materno é o elo entre a mãe e o bebê. Este elo se estabelece de maneira bastante afetiva, pois no momento que recebe o alimento a criança também recebe o toque o cuidado, e o carinho da mãe, ocorrendo então a associação do prazer com a alimentação.

Neste aspecto, para Freud (1905), o sugar surge no lactente e pode permanecer por toda a vida do sujeito, que mesmo na fase adulta, continua sentindo prazer nessa

área do corpo.

Percebe-se então que a amamentação não é apenas uma ação usada para o sustento fisiológico do bebê, mas também promover satisfação de suas necessidades afetivas nessa etapa da vida. E esse cuidado é essencial para um desenvolvimento saudável do indivíduo que se contido poderá ser a fonte de problemas futuros.

Conforme Barros (1998) esclarece, se as necessidades orais forem satisfeitas, o indivíduo crescerá de maneira psicologicamente saudável, porém se as experiências forem reprimidas, ocorrerá o que Freud denominou de fixação, que é a permanência num estágio primitivo de desenvolvimento. Alguns psicanalistas atribuem o alcoolismo, por exemplo, a frustrações na fase oral.

Shirahige e Higa (2004) suscita que a medida que a criança avança em seu desenvolvimento ela passa a buscar outros objetivos, como uso da linguagem e percepção de outras pessoas. Esses acontecimentos promovem a perda da primazia pela boca e a criança passa para a segunda fase do desenvolvimento psicosssexual, a fase anal.

2.4 Fase anal.

A segunda fase do desenvolvimento psicosssexual postulado por Freud, é a fase anal, que ocorre aproximadamente entre dois e quatro anos de idade. Nesse período, a libido se organiza na região do ânus. É no controle dos esfíncteres e da bexiga, que a criança descobre sua nova fonte de prazer.

Nesse sentido Shirahige e Higa (2004, p. 28). Colocam que “a sensação de prazer ou desprazer está associada à expulsão (defecação) ou retenção das fezes. O prazer advém também da manipulação das mesmas”.

Para Barros, (1998, p. 82) “sensações de prazer e desprazer associam-se tanto com a expulsão como com a retenção das fezes, e esses processos fisiológicos, bem como as fezes em si, são um objeto do mais intenso interesse da criança. Esta é a chamada fase anal”.

A partir desse período as crianças estão mais propensas a imaginar e criam fantasias principalmente sobre sua produção, isto é, as fezes. O que ela produz tem significado ímpar a ela. Para obter proveito da estimulação erógena na região anal, retém as fezes, até que este acúmulo resulte em cólicas e ao passar pelo ânus, ocorra uma grande excitação na mucosa, resultando em sensações de bem-estar e prazer.

O conteúdo intestinal, que, enquanto corpo estimulador, comporta-se frente a uma área de mucosa sexualmente sensível como precursor de outro órgão destinado a entrar em ação depois da fase da infância, tem ainda para o lactente outros importantes sentidos. É obviamente tratado como parte do seu próprio corpo, representando o primeiro “presente”: ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que o cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. Do sentido de “presente”, esse conteúdo passa mais tarde ao de “bebê”, que, segundo uma das teorias sexuais infantis é adquirido pela comida e nasce pelo intestino. (FREUD, 1905, p.114)

De acordo com Barros (1998) neste período a criança está sendo instigada a controlar a evacuação e micção, por isso, essas atividades fisiológicas se tornam o centro de experiências de frustrações e compensações, sendo os pais os agentes destas, uma vez que as instigam a realizarem essa ação num local e momento oportuno, havendo em geral repreensão no caso da criança não obedecer a essas comandos dos progenitores.

Com o tempo a própria criança mostra que mudou de fase. Porém essa transição nem sempre acontece de forma tranquila, os pais devido à preocupação cometem os maiores erros, sendo que esses erros podem gerar consequências para a vida dessa criança.

[...] Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprover a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação. (FREUD, 1905 p. 114).

Os pais devem compreender que é natural que a criança suje um determinado local e a si mesma, porém, a repreensão não deve ser realizada já que a criança não consegue conceber que seus produtos, isto é, as fezes, não sejam bem recebidos. Se desaprovada ela terá dificuldade em produzir, causando na criança a constipação intestinal o que trará sofrimento para a criança e preocupação para os pais.

Os pais devem buscar alternativas para que a criança tenha outros objetos que substituam o prazer que lhe dá manusear as fezes, uma dessas soluções é a massa de modelar a argila e outras.

Segundo Shirahige e Higa (2004) podemos carregar resquícios da fase anal na idade adulta, esses resquícios surgem no desejo passivo de sempre receber o mundo ou na intolerância às frustrações e limites, no desejo de expulsá-los.

Para Barros (1998) se durante este segundo estágio, incidirem muitas frustrações

devido a um treino excessivo de controle de esfínteres, o ego poderá ser prejudicado em seu desenvolvimento. Como fixação surge a mesquinhez, isto é o deleite em guardar bens, a exagerada preocupação com a limpeza como sendo originado do prazer que a criança provou em reter as fezes.

2.5 Fase fálica.

A fase fálica é a última fase pré-genital, se estendendo dos três aos cinco anos de idade. A criança começa a ter interesse pelo próprio corpo e a libido se encontra nos órgãos genitais, é comum a criança manipular seus próprios genitais reconhecendo essa região como uma zona geradora de prazer. O desejo de ver os órgãos genitais de colegas e de exibir os próprios são manifestações características da fase fálica, assim como o desejo de manipulação dos órgãos genitais (Shirahige e Higa, 2004).

Segundo Barros (1998) nesta fase a criança apresenta bastante curiosidade a respeito da sexualidade, pois esta é uma fase de descobertas e a criança começa a perceber a diferença do seu corpo e do gênero oposto. Muitas vezes o menino olha para a menina e se depara com uma nova descoberta, nota que aquele outro indivíduo não tem o mesmo órgão genital que o seu e em sua imaginação pensa: “O que ela fez de tão grave para perder seu pênis?”.

As meninas procuram entender o motivo da perda do pênis, onde surgem os questionamentos dirigidos aos pais ou outro adulto. Esse momento é de angústia para a criança, a menina se preocupa em ter perdido o pênis, o menino se preocupa em perdê-lo. É importante que nesses momentos os pais esclareça para os filhos, o nome correto dos genitais e as diferenças que eles possuem em relação ao gênero masculino e feminino.

Nesta perspectiva Shirahige e Higa (2004) descrevem que o menino desperta o interesse narcísico pelo próprio pênis e a menina pensa ter perdido esse órgão. Sendo assim há uma evidência no órgão sexual masculino. A menina então passa a desejar ter um pênis, esse constitui um momento crítico no desenvolvimento psíquico sexual feminino, pois conforme Freud (1905) a descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina, sendo assim surgem três linhas de desenvolvimento possíveis, uma conduz a inibição sexual ou a neurose, outra a modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a terceira a feminilidade normal. Freud ainda afirma que se penetrarmos a fundo na neurose de uma

mulher muitas vezes podemos nos deparar com o desejo reprimido de possuir um pênis.

Durante esse período a criança se interessa também pelo papel que o pai desempenha na procriação, pelas atividades sexuais dos pais, pela origem dos bebês- temas frequentes de suas fantasias. Nesse sentido, admoestações excessivas e punitivas sobre os interesses e atividades sexuais teriam efeito negativo na posterior identificação sexual. De acordo com a concepção freudiana, impotência sexual, frigidez, exibicionismo e homossexualidade são considerados deficiências do ego derivadas pelo período fálico. (BARROS, 1998, p. 83)

A ausência de conhecimento sobre a sexualidade da criança levam pais, educadores e familiares a repreensão e não a orientação com naturalidade e tranquilidade. Essa atitude de pais e familiares muitas vezes impede que a criança complete essa fase de forma saudável, os pais devem entender que não se pode comparar este ato da manifestação da sexualidade na infância com a mesma conotação da sexualidade adulta, compreendendo que a criança não faz nenhuma associação desse ato com o ato sexual em si, ela apenas sente prazer em tocar a genitália. Sendo reprimida a criança sentirá culpa e na fase adulta irá consolidar uma visão da sexualidade como algo sujo, proibido, ocasionando possíveis dificuldades de relacionar-se sexualmente na fase adulta. As vivências sócio afetivas na fase fálica, assim como nas demais fases, marcam positivamente ou negativamente a construção da identidade de uma pessoa, sua personalidade, seu caráter.

2.6 Complexo de Édipo.

Na fase fálica, Freud (1905) identificou que ocorre o aparecimento de uma relação entre pai, mãe e filho, que ele denominou de Complexo de Édipo. Este complexo é entendido como sentimentos incestuosos pelo progenitor do sexo oposto e sentimentos de rivalidade para com aquele do mesmo sexo. O nome Complexo de Édipo foi baseado na tragédia grega Édipo – rei escrita por Sófocles. (Shirahige e Higa 2004)

Freud se apropriou dessa narrativa grega para ilustrar o que ocorre com a criança durante a fase fálica. Visto que em sua trajetória Édipo busca compreender sua identidade, achar a si mesmo, entender quem ele é, o herói se concretiza como emblema da fragilidade do ser humano de constituir sua identidade. Nessa perspectiva, o Complexo de Édipo é uma das considerações mais populares e notórias na teoria freudiana, justamente pelo tempo dedicado na elaboração deste até chegar ao seu término e

resolução.

É o destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e nosso primeiro ódio e nosso primeiro desejo assassino contra nosso pai. O Rei Édipo, que assassinou seu pai Laio e casou com sua mãe Jocasta, simplesmente nos mostra a realização de nossos primeiros desejos de infância. (SHIRAHIGE E HIGA 2004 p. 31)

Segundo Barros (1998) os psicanalistas caracterizam este período como o momento em que a criança ama o progenitor do sexo oposto, porém percebendo que este tem sua afeição direcionada ao companheiro do outro sexo, busca assemelhar-se neste, e através dessa ação busca merecer o amor do progenitor do sexo oposto.

Observamos que nas várias fases da vida o indivíduo tem a necessidade de apego ao sexo oposto. Esse período é essencial para a estruturação da personalidade e a base da identidade das pessoas. É uma fase complexa e confusa para a criança pois, embora o menino veja o pai como rival, devido ao desejo que ele sente e a necessidade da atenção e proximidade com a mãe, ao mesmo tempo o menino precisa do amor do pai com quem deve se identificar.

[...] a criança aceita renunciar ao seu objeto de amor. Transforma a rivalidade em identificação, isto é, em desejo de ser como o pai ou a mãe, antigos rivais. Mãe e pai se transformam-se, desta forma, em modelos constitutivos: a mãe para a filha, o pai para o filho. Essa situação edipiana constitui um ensaio geral dos amores futuros da criança. (SHIRAHIGE E HIGA 2004, p. 31)

Ao longo da fase fálica acontece o primeiro choque entre pai e filho, o menino se vê em conflito entre a internalização do pai e o desejo de ser como ele pra ter uma mulher como a mãe. Acontece então a primeira identificação masculina, o que torna fundamental a presença de um pai amoroso consciente de seu papel e da vivência de um relacionamento equilibrado e afetivo entre o casal, é um momento de construção da identidade masculina do menino e da formação de sua personalidade, mesmo na impossibilidade da presença do pai está identificação deve ocorrer com outra figura masculina que exerça esse referencial de pai para a criança.

De acordo com Freud (1905) todo indivíduo deve sua origem a um pai e a uma mãe, não tendo como evadir-se dessa triangulação que constitui o cerne do conflito humano. Essa triangulação transcorre por toda a vida do sujeito, sendo esse episódio que definirá a estrutura psíquica do indivíduo.

2.7 A resolução do complexo de Édipo.

A solução do complexo ocorre quando a criança é lançada sobre a realidade, a de que não é mais o centro de tudo, passando a compreender as distinções entre ela e seus pais, ela passa por um momento importante de sua vida que definirá sua conduta na idade adulta, principalmente o que refere à sua vida sexual.

Nesta perspectiva Shirahige e Higa (2004) menciona que a criança tem receio de ser punida por seus desejos proibidos, o que gera um grande sentimento de culpa, sendo assim a criança vencida por esse sentimento de medo diante de opositores poderosos, os progenitores, aceita abrir mão de seu objeto de amor. A rivalidade então é transformada em identificação.

Segundo Barros (1998) a menina que convive em um lar harmonioso, tende a se identificar com a mãe, porém ao contrário se a mesma vivencia uma situação de desavenças onde o pai menospreza a esposa, a criança para evitar parecer com ela, poderá adotar uma personalidade com características masculinas. O autor ainda salienta que a mesma situação ocorre com o menino, se este crescer em um lar normal e harmonioso buscará como modelo o do pai, porém em um lar que haja discórdias em que a esposa rebaixe e ridicularize a figura do esposo, o menino não copiará o pai. Para evitar o modelo masculino, poderá adotar traços tipicamente femininos.

Desse modo a mãe e o pai se constituem como modelos constitutivos para a criança, o menino se identifica com o pai e a menina com a mãe. Sendo fatores cruciais na formação da identidade e dos amores futuros da criança, esse estágio é de fundamental importância para o psiquismo.

A fase fálica apresenta grande tensão e muitas dificuldades para a criança. “Sua solução é importante para o desenvolvimento normal, e os desvios em sua resolução estão atrás de quase todas as dificuldades neuróticas dos adultos de nossa cultura” (BARROS, 1998 apud BALDWIN, 1973)

2.8 Fase de latência.

Após a fase oral, anal e fálica, a criança vivencia um período de latência, que persiste aproximadamente dos sete aos doze anos. Nesta fase não há nova organização libidinal.

Segundo Barros (1998) nesse período o impulso sexual fica latente, a expressão latência significa “estado do que se encontra encoberto, escondido, adormecido”, seria o tempo entre o estímulo e a reação do indivíduo.

Nesta perspectiva Shirahige e Higa (2004) descrevem que a criança concentra suas energias nas interações sociais que começam a estabelecer com o meio em que se inserem. Volta-se para a busca de habilidades, valores e papéis culturalmente aceitos, surgem a vergonha, a repulsa e a moralidade.

Barros (1998) ainda pontua que o superego, torna-se mais organizado, pois a convivência com outras pessoas, além dos pais, contribui não só para a formação de valores, mas também para confrontar diferentes sistemas, o que torna a criança mais flexível e tolerante. O período de latência coincide com o período de formação do Superego. Este atua como sensor sobre as atividades e pensamentos do Ego, é o depósito dos códigos morais, modelos de conduta e nas funções de consciência pessoal, auto-observação e formação de ideais.

[...] o desenvolvimento da consciência moral ou do superego. Ao identificar-se com os pais, a criança adquire seus padrões, seus valores. Ela aceita, como regras de ação, fazer o que os pais aprovam e evitar o que eles condenam. (BARROS, 1998, p.85)

Barros (1998) relata que após as descobertas e aprendizados da fase anterior, e ao compreender as diferenças biológicas sexuais, a libido sexual adormece. A criança usa então toda sua eficácia para o fortalecimento de seu ego, e para alargar o superego. A sexualidade da criança torna-se ora reprimida, ora sublimada, centrando-se em atividades e aprendizagens intelectuais e sociais, como jogos, e estabelecendo vínculos de amizade que irão fortalecer a identidade sexual de ambos, ou seja as características femininas e masculinas. Nesse sentido há uma canalização da libido para o desenvolvimento social.

É importante salientar que se a criança não tiver completado e vivenciado as fases anteriores de forma saudável, esse período poderá vir a ser complexo, podendo trazer à tona um comportamento agressivo. Porém se os conflitos anteriores foram vivenciados de forma pacífica e normal, a criança então irá lançar suas novas energias nessas novas relações. E já com o superego desenvolvido ela adquirirá maior senso de justiça e igualdade.

O superego torna-se mais organizado, pois a convivência com outras pessoas, além dos pais, contribui não só para a formação do sistema de valores, mas também para confrontar diferentes sistemas, o que torna a

criança mais flexível. (SHIRAHIGE E HIGA 2004, p. 34).

2.9 Fase genital.

A fase genital é o período de desenvolvimento psicosssexual que se dá pelo surgimento da adolescência e marca a passagem para a fase adulta. Passando assim a buscar no outro uma peça de encaixe, no sentido de dar e receber prazer e satisfação sexual.

Conforme Freud (1905) “com a chegada da puberdade operam-se mudanças destinadas a dar à vida sexual infantil sua forma final normal e definitiva, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual”

Nesta perspectiva Carrara, et al.; (2004) relata que a adolescência seria o período em que ocorre uma reativação dos impulsos sexuais adormecidos durante o período de latência.

Freud (1905, p. 27) explica que o momento da chegada da puberdade “o mais definido dos processos da puberdade que foi escolhido como aquele que constitui a sua essência: o crescimento manifesto dos órgãos genitais externos”

Sendo assim essa fase é parte importante na composição psicosssexual, pois é onde o indivíduo desenvolve integralmente sua sexualidade e a vivência intensamente como um ser social, o que Freud denominou como um ser altruísta que compartilha suas experiências e desejos buscando no outro uma relação recíproca de afetividade.

Devido a fase genital ocorrer na idade adulta ela não será amplamente abordada, uma vez que foge ao escopo do trabalho, isto é, a sexualidade infantil.

2.10 A sexualidade infantil no espaço familiar.

A sexualidade por ser algo inerente ao ser humano se manifesta em todo tempo, e espaço. A família sendo a primeira instituição social do indivíduo, tem um papel importante em seu desenvolvimento global. Em seu convívio é que aprendemos valores, como também recebemos as influências que irão somar em nossa construção como seres sociais. Os pais são os principais educadores dos filhos e a orientação sexual deve estar fortemente ligada nesta relação.

Atualmente observamos que o conceito de família não se limita ao modelo padrão criado em nossa sociedade. As transformações históricas promoveram mudanças radicais na estrutura familiar. Com o fortalecimento do controle de natalidade, a inserção da mulher no mercado de trabalho, dentre outras mudanças, surgiram novas configurações familiares.

Nesta perspectiva Dias (2011, p. 140) descreve que os diferentes modelos familiares são instituições sociais dinâmicas com a sua própria identidade, constituída por indivíduos que se unem por vínculos sanguíneos e afetivos, além do convívio por um determinado espaço de tempo, durante o qual constroem uma história de vida que é única e insubstituível. Existem outras nomenclaturas familiares e cada uma apresenta suas características próprias, porém não perdem a essência primitiva da qual se emergiu. A família nuclear, também intitulada tradicional é composta por dois adultos de sexos opostos e os respectivos filhos. Há também as famílias monoparentais que são compostas pela mãe e filhos, ou pelo pai e os filhos. Por fim, temos as famílias homossexuais constituídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos.

No entanto, mesmo com a existência de diferentes modelos familiares em nossa sociedade no que se refere a educação dos filhos, todas devem exercer um papel preponderante para que essa se estabeleça de maneira íntegra. É necessário que a família se estabeleça como ponte a fim de fornecer informações que preparem os filhos para enfrentamento de diversas situações.

Nesta mesma perspectiva Gonçalves e Malafaia (2013) suscitam a necessidade da família reconhecer que a sexualidade não é mensurada pela idade, pois se constitui como uma ação intrínseca a todo ser humano e as dúvidas devem ser esclarecidas e discutidas, de maneira clara e objetiva para que eles possam vivenciar a sua sexualidade de forma digna e responsável.

A orientação sexual integrada à família, à escola, tampouco em outros grupos sociais, ainda é abordada com certa cautela e taxado como “tabu” sendo assim nossa

sociedade carece de conhecimento e esclarecimentos sobre a sexualidade. Para muitos pais a abordagem do assunto causa constrangimento e por conseguinte optam pela omissão de informações e por atitudes repressoras para tentar conter as dúvidas e ansiedades dos filhos acerca do assunto.

Tal atitude se estabelece visto que a maioria dos adultos não tiveram suas dúvidas sanadas na infância, e trazem consigo essas barreiras e incertezas ao abordar o sexo com os próprios filhos.

Esse fato demonstra a necessidade dos pais terem acesso a um processo de educação sexual emancipatório para que possam refletir sobre suas crenças, rever seu posicionamento e reformular conceitos equivocados e preconceituosos acerca da sexualidade. Para que os pais possam desvincular a sexualidade de estereótipos e tabus e desta forma oferecer uma boa educação sexual aos filhos é fundamental que revisem suas dificuldades por meio de leituras, reflexões e discussões sobre o tema. Assim, será possível informar e orientar seus filhos de forma mais positiva e isenta de preconceitos e atitudes anti-sexualidade. (GONÇALVES, FALEIRO e MALAFAIA 2013, p. 257)

O estatuto da criança e do adolescente sob a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Coloca em vigência os direitos incontestáveis da criança e do adolescente. A seguir o conteúdo do artigo 3.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

A sexualidade é intrínseca ao ser humano. A infância se constitui como uma fase de descobertas e ao mesmo tempo de muitas dúvidas, deste modo o seio familiar não pode negar o direito da criança de ser orientada e esclarecida frente as suas incertezas, cabe a este propiciar meios sólidos para que a criança possa vivenciar a própria sexualidade sem medo e de maneira consciente.

2.11 A sexualidade infantil no contexto educacional.

A partir das teorias Freudianas, entendemos que a sexualidade infantil é algo latente e com características próprias que se desprendem da sexualidade adulta porém, é o germe dessa, ou seja, para entendermos a sexualidade humana adulta devemos nos ater a sexualidade da criança. Percebe-se que a criança com suas manifestações e desejos naturais, sem qualquer intencionalidade, precisa ser orientada e esclarecida, sobretudo no que se refere à sua sexualidade.

Para abordar a sexualidade no contexto educacional se parte da premissa de que a educação é algo imprescindível na orientação da sexualidade infantil, nessa fase surgem as principais dúvidas e questionamentos, a criança questiona a respeito de si e do mundo que a cerca.

A seguir será descrito um questionamento de uma aluna, registrado pela revista Nova Escola: “Professora por que minha xereca pisca quando vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?”. Diante dessa pergunta muitos educadores reagiriam com espanto e indignação, ainda mais quando ela parte de uma criança de 8 anos. Para a educadora Dilma Lucy quando o professor reage a este tipo de indagação com aversão, a criança conclui que ter tais sentimentos é algo errado ou anormal. Os questionamentos da criança devem ser respondidos de forma criteriosa, obedecendo a sua faixa etária e sua visão de mundo.

Para a educadora supracitada, responder essas dúvidas às crianças é imprescindível. A mesma relata que desde bebê sentimos prazer em tocar o próprio corpo e a descoberta dessas sensações é algo natural.

“O sexo é parte da vida das pessoas (aliás, uma parte muito boa) e é por essa razão que escola e família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sem mitos e preconceito”. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2006, p. 22.)

A sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos acerca da temática. Expressa por crenças, atitudes, valores, papéis e relacionamentos é produto de um trabalho permanente de ocultação, de dissimulação ou de mistificação na escola, um reflexo do que se produz da mesma forma na sociedade. (SCHINDHELM, 2011, p. 05)

Devido a tantos ranços educacionais ainda enraizados na educação, atualmente a escola se apresenta como uma instituição que encontra dificuldades para construção do

ensino aprendizagem. Com o aumento expressivo dos meios de comunicação e o acesso rápido a informação, a escola perde uma luta na qual suas armas são limitadas e desinteressam aqueles nos quais seus serviços são destinados e voltados.

Nesse sentido Schindhelm (2011), menciona que o âmbito escolar dá continuidade a incompreensão, improvisação ao repetir preconceitos, crenças e valores e o descaso no que se refere a sexualidade da criança e aos estudos sobre sexualidade.

Sendo um espaço de construção de saberes, é necessário que a escola assuma o papel que lhe cabe a respeito da educação sexual, reconhecendo este tema como indispensável para o desenvolvimento saudável da criança. Com a pouca discussão e aprofundamento do tema, ainda prevalecem conceitos construídos através do senso comum, que causam dúvidas tanto na criança quanto nos educadores. Nesse contexto pode-se afirmar que muito se fala de sexo, mas pouco se orienta sobre ele.

Ao receberem uma formação que trata o corpo como algo vergonhoso ou até mesmo pecaminoso, as crianças passam a ser não apenas portadoras, mas também propagadoras de um conjunto de princípios e opiniões calcados num pudor excessivo e inibidor de qualquer forma de expressão da sexualidade. As normas, que não esclarecem, mas que impõem-se por silêncios ou por pronunciamentos punitivos, são apreendidas pelas crianças como controladoras e disciplinadoras das expressões e comportamentos relativos ao sexual. As normas, que não esclarecem, mas que impõem-se por silêncios ou por pronunciamentos punitivos, são apreendidas pelas crianças como controladoras e disciplinadoras das expressões e comportamentos relativos ao sexual. (SCHINDHELM, 2011, p.13)

Para que haja uma educação que vise a liberdade, o educador precisa se desprender de preconceitos, tabus e mitos; adotando assim um olhar atento às diferentes fases que uma criança perpassa até chegar à vida adulta. A educação sexual não se define apenas com conceitos biológicos relacionados com reprodução humana, órgãos reprodutores, e doenças sexualmente transmissíveis, envolvendo também a discussão de experiências, valores, ideias e concepções de mundo.

Segundo Schindhelm (2011) as crianças levam pra escola suas dúvidas, suas dificuldades nos diversos campos, incluindo aquelas sobre sexualidade. Diante da dúvida e complexidade essas situações na maioria das vezes acabam sendo vistos como indisciplina e recebem ações punitivas. O educador é acima de tudo o mediador do conhecimento, sendo assim uma figura importante na busca de esclarecimento diante das questões levantadas por seus alunos.

A criança também sofre influências maciças dos meios de comunicação, como internet televisão, e esses nem sempre propagam a sexualidade como algo construtivo para a formação da criança, porém atuam de maneira decisiva em sua formação sexual. A televisão veicula programações fortemente erotizadas. Ao assistirem as crianças não compreendem por completo o sentido dessas mensagens e construindo conceitos e explicações erradas sobre a sexualidade.

2.12 A sexualidade infantil e os PCN.

Os PCN se configuram como uma coletânea de documentos elaborados pelo Governo Federal e Ministério da educação com a finalidade de delinear estratégias para o trabalho docente.

Segundo Leôncio (2013) “a principal função dos PCN é a de propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno”.

Nesta perspectiva a proposta de orientação sexual de acordo com os PCN é de tratar a sexualidade nas suas várias dimensões, sendo essas, biológica, psíquica e sociocultural. Nesse sentido além da sexualidade ser responsável pela reprodução, de ser uma expressão vital, é algo que abrange a expressão cultural, onde cada sociedade institui fundamentos valores, modelos para comportamento sexual de cada sujeito.

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista.(PCN, 1997, p.307)

Os temas transversais apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais abrangem conteúdos de caráter social, que devem ser inseridos na grade curricular de forma transversal, portanto, não como uma disciplina específica, mas como conteúdo a ser ministrado integrado as várias áreas dos conhecimentos.

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, para compreender comportamentos e valores

individuais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. (PCN, 1997, p.307).

De acordo com os PCN a sexualidade infantil enfrenta desafios para ser reconhecida, inclusive no âmbito educacional. A criança ainda é vista como ser puro desprovido de sexualidade. A expressão da sexualidade infantil é visto como algo feio, sujo, pecaminoso. Entretanto alguns educadores já consideram a importância da sexualidade para o desenvolvimento saudável de crianças e jovens.

No que se refere a sexualidade da criança os PCN enfatiza que manifesta das mais variadas formas, no toque, na curiosidade ao se deparar com algo novo, nas brincadeiras. A escola sendo um espaço ao qual a criança está intimamente ligada, será palco de seu desenvolvimento, tornando necessário que a escola se posicione de forma conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões da sexualidade dos alunos.

Assim como a inteligência, a sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz na região genital e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que estão imersas, permeado de valores e crenças atribuídos à sua busca de prazer, os quais estarão presentes na sua vida psíquica. (PCN, 1997, p.360).

Pode-se dizer que a inserção da sexualidade no contexto educativo como tema transversal já algo bastante relevante, porém considera-se que este tema possui tantas especificidades que se deve considerar que venha a se tornar uma disciplina sistematizada, encontrando espaço exclusivo para discussão e reflexão, e a inserção do aluno neste contexto se torna fundamental. Justificando esse pensamento a sexualidade no âmbito escolar dever ser clara, e tratada de forma simples e direta, no entanto deve ser ampla, para não reduzir sua complexidade, flexível, para permitir o atendimento aos conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar a aprendizagem e desenvolvimento crescentes.

3 METODOLOGIA

A execução do trabalho consiste em uma abordagem exploratória e qualitativa acerca da sexualidade infantil, a pesquisa de campo foi realizada em dois Centros Municipais de Educação Infantil da cidade de Uruaçu, que foram escolhidas por se localizarem em áreas distintas e apresentarem contextos socioeconômicos diferentes.

As abordagens realizadas se deram a partir da autorização da direção, e dos professores envolvidos, foram entrevistados um total de 10 professores que foram escolhidos tendo como critério o fato de executarem sua docência na educação infantil. Na execução da pesquisa foram aplicados 10 questionários, contendo 07 questões abordando o tema sexualidade focando principalmente na importância da abordagem desse tema na educação infantil e nas intervenções pedagógicas dos educadores diante das manifestação da sexualidade criança.

Anterior a escolha definitiva das unidades educacionais envolvidas havia preferência por uma instituição de educação infantil particular, porém foi difícil encontrar autorização dentro dessas unidades visto que ao apresentar a finalidade da pesquisa os diretores demonstraram certo receio em participar, expondo que nesta fase de educação não havia um trabalho sistemático voltado sexualidade, sendo um tema para se abordar profundamente na adolescência junto a disciplina de ciências.

As instituições de educação infantil públicas solicitadas, atenderam prontamente fornecendo contribuição relevante para a realização da pesquisa. A partir da seleção e agendamento de horários, foi realizado as entrevistas sendo que essas foram aplicadas individualmente e no ambiente escolar.

Visando buscar pontos relevantes diante das respostas, foi elaborado um quadro contendo as questões e as respostas obtidas delineando a forma que as instituições abordam o tema sexualidade infantil.

4. ANÁLISE DE DADOS

Para compreender de maneira mais efetiva como as unidades de educação infantil desenvolvem suas ações de intervenção diante das manifestações da sexualidade por parte das crianças, também como os professores trabalham com esta questão no cotidiano, foi realizada uma pesquisa de campo em duas unidades educacionais da cidade de Uruaçu, a primeira em um Centro de Educação Infantil, (CEMEI) e a segunda em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI).

O primeiro espaço educacional observado foi o Centro de educação Infantil que se localiza em uma zona periférica da cidade. Como o único centro de educação infantil do bairro, este abriga a maioria das crianças moradoras da região. Observa-se que a maioria das famílias são de classe baixa e essas em alguns casos trabalham em pontos distantes do bairro, respaldados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, encontram na unidade amparo para as criança.

O art. 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente e o art. 208 da Constituição Federal asseguram o atendimento em creche e em pré-escola às crianças de 0 a 5 anos de idade.

Durante as pesquisas realizadas no CEMEI nota-se que as crianças apresentam desde cedo impulsos sexuais e os expressam de diversas maneiras, e que estas manifestações fazem parte de seu desenvolvimento. Sendo assim percebe-se, que todas as educadoras da instituição, já vivenciaram alguma situação que envolvesse a criança e a manifestação de sua sexualidade.

Nesse período qualquer parte de seu corpo, lábios, língua, dedo das mãos ou dos pés, ou ponto da pele, pode ser empregado como objeto para sucção. O mundo, nesta fase, tem característica de boca. Assim o “gostar” ou “não gostar” da criança poderia ser expresso como “quero colocar na boca” ou “quero tirar da boca”. Daí advêm expressões usuais como “uma leitura gostosa”, “quero morder o bebê” etc. O prazer de fumar, beber, beijar, declamar poesia, fazer discursos. (SHIRAHIGE E HIGA 2004 p. 29)

Na rotina escolar, observa-se que a todo momento as crianças participam de alguma ação educativa, essas acontecem sob orientação das professoras que, geralmente, são auxiliadas pelas monitoras. Essas atividades, na maioria das vezes, são realizadas em salas ou em outros ambientes da unidade.

Durante as conversas algumas educadoras relataram que as ocasiões em que mais surgem manifestações da sexualidade por parte da criança são momentos dos banhos, troca de roupas e no envolvimento da criança em alguma brincadeira ou

conversa, onde surgem mesmo que indiretamente o assunto.

O alvo sexual infantil da pulsão consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso. (FREUD, 1905, p. 112)

Porém pode se ir além, pois quando os bebês fazem a sucção de seus membros, retêm as fezes, o que é algo natural segundo relatos das educadoras, esses também manifestam a sua sexualidade, visto que Freud preconizou a respeito de tais ações.

A sexualidade também se manifesta nos momentos em que as crianças são estimuladas pelos adultos como, por exemplo, o toque na hora do banho, a amamentação e outros contatos inerentes aos cuidados com o bebê sem, no entanto, necessariamente, serem configuradas como situações erotizadas ou confundidas com o abuso sexual.

Segundo o relato da professora, a monitora, diante do medo de ser acusada de abuso sexual, paralisa diante da sua função de cuidar da higiene íntima de uma criança pequena. Podemos verificar este medo também em outros relatos de professoras da educação infantil.

Através dos relatos dos educadores se percebe que as manifestações sexuais das crianças foram coerentes com as descritas no desenvolvimento psicosssexual delineado nesta pesquisa monográfica.

Centro Municipal de Educação Infantil.

Tabela 1. Análise da primeira questão:

01- Qual sua opinião sobre a orientação sexual nas unidades educacionais?
P1: É necessária, para que as crianças aprendam de forma natural e sem exageros.
P2: É importante para que a criança conheça o próprio corpo. O tema pode ser trabalhado a todo momento.
P3: Deve ser introduzida naturalmente.
P4: É de grande relevância para a formação da criança.

P5: É importante para a capacitação dos professores.
P6: É indispensável para o professor e sua prática educacional.

Na análise da primeira questão do questionário aberto dirigido aos 6 professores foi identificado que todos os docentes consideram importante a orientação sexual nas unidades educacionais, conforme mostra a tabela 1.

O percentual de professores que consideram a orientação sexual nas unidades educacionais como algo relevante é expressivo, uma vez que o espaço escolar é um ambiente de construção de saberes que envolvem diversas abordagens e visto que em nossa sociedade encontramos grandes barreiras para se falar de sexualidade. Este percentual evidencia uma visão positiva por parte dos professores, as respostas mostram um novo olhar em relação ao reconhecimento de que a sexualidade é algo inerente ao ser humano e como tal não pode deixar de ser abordada no cotidiano escolar independente da faixa etária.

Tabela 2. Análise da segunda questão:

02- Você já participou de cursos na área da sexualidade infantil?
P1: Não
P2: Não. Nas capacitações o tema é tratado, porém de forma superficial.
P3: Não, apenas de palestras, este tema é tratado de forma superficial.
P4: Não.
P5: Não.
P6: Não.

Ao analisar as respostas da segunda questão nota-se que todos os professores não participaram efetivamente de cursos na área da sexualidade infantil, e quando participaram, esses foram apenas momentos em que avaliaram como vago e superficial, não oferecendo subsídios suficientes para contribuir com a formação docente e para sua praxis. Podemos dizer assim que sem um preparo pedagógico os professores muitas vezes apenas repassam comportamentos ensinados, induzindo as crianças a uma maneira particular de enxergar sua própria sexualidade.

Sendo o CEMEI um espaço em que as crianças aprendem e se desenvolvem, as manifestações sexuais acontecem com frequência, destaca que, cursos na área da sexualidade infantil seriam relevantes para contribuir nesse processo.

Tabela 3. Análise da terceira questão:

03- Essa unidade de ensino oferece treinamento aos professores para tratar dessa temática?
P1: Não.
P2: Não
P3: Ainda não tivemos o assunto abordado.
P4: Não
P5: Não
P6: Não

Ao analisar as respostas obtidas nessa questão percebe-se que a unidade escolar não dispõe de um trabalho sistemático e contínuo para se tratar a sexualidade da criança. Visto que a todo o momento surgem manifestações sexuais das crianças no espaço educacional, é imprescindível que esta ofereça esse treinamento, pois quando há um preparo o professor não se sentirá perdido em meio aos questionamentos e atitudes. Durante os diálogos com os professores, esses relataram que a secretaria municipal de educação, esporadicamente através de cursos, palestras e projetos, oferecem capacitação e treinamento aos professores para trabalhar com esta temática. Entretanto, a abertura de um espaço no interior da escola para os esclarecimentos, bem como a reflexão dos professores sobre o tema, seria de extrema relevância.

Tabela 4. Análise da quarta questão:

04- Você acha que a escola deveria oferecer treinamento aos professores para tratar do tema? Por quê?
P1: Sim, ensinando formas e técnicas para abordagem e ensino do tema.
P2: Sim. Para que o professor esteja capacitado para lidar com situações de abuso, quanto aos questionamentos dos educandos.
P3: É interessante para que haja mais segurança par ao profissional, identificar casos de abusos.
P4: Sim. Porque a formação do professor é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas.
P5: Sim. Porque nos deparamos muito com situações que acontecem no nosso dia a dia, e muitas vezes não sabemos como lidar com a situação.
P6: Sim. Porque a todo o momento nos deparamos com situações envolvendo a sexualidade e no entanto nos sentimos despreparados.

Na análise da quarta questão dos questionários abertos direcionado aos professores, observa-se a necessidade de um trabalho de capacitação docente dentro da instituição escolar, visto que os professores da unidade mencionam que com este trabalho haveria melhoria em sua prática e evitaria o repasse de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas. Nota-se que o assunto é complexo e os docentes apresentam dificuldade em abordá-lo, visto que cada um entende de forma diferente: uns são liberais, outros tradicionais e com a capacitação os professores estariam melhores preparados para tratar do tema.

Dentro desta abordagem algo relevante surgiu, segundo um educador o preparo docente facilitaria a identificação dos abusos sofridos pelas crianças. Nessa perspectiva o diálogo e a forma de se incitar a criança são primordiais para que essa sinta segura para compartilhar suas experiências. Sem confiança a criança não se sente à vontade para fazer questionamentos pessoais e compartilhar experiências. É neste momento que o docente deve se mostrar receptivo explicando e tirando dúvidas de forma clara e objetiva, pois o trabalho pedagógico e as curiosidades sobre sexualidade são fatores fundamentais para o desvelamento de preconceitos e tabus.

A capacitação do futuro docente na área da sexualidade infantil deve ser priorizada inclusive, na grade curricular dos cursos superiores de formação de professores, é importante as universidades junto aos acadêmicos realizarem projetos e momentos que visem a discussão e reflexão, em prol de uma maior conscientização acerca da relevância e dos benefícios do trabalho de orientação sexual.

Tabela 5. Análise da quinta questão:

05- Você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar a orientação sexual infantil? Por quê?
P1: Não. Porque a sexualidade faz parte do dia a dia, inclusive do professor.
P2: Sim. Para conhecimento e melhor instruir seus alunos. Mas a família também precisa educar a criança nesse aspecto.
P3: Todo conhecimento é luz, é bagagem. Só que temos que lembrar que a família também deve exercer seu papel na educação dos filhos de modo geral, pois a escola é instrucional.
P4: Sim. Porque muitas vezes os professores tem dificuldade em orientar, por falta de informação específica voltada na área e até mesmo por falta de recursos metodológicos.
P5: Sim. Porque assim teríamos condições de encarar e resolver qualquer acontecimento sobre o tema.

P6: Sim. Porque só assim teremos condições de desenvolver trabalhos e sanar dúvidas da que são abordadas.

Ao se ponderar sexualidade e educação percebemos a necessidade de um olhar pedagógico específico, é preciso se inteirar de forma sistemática e abrangente nas vivências e anseios da criança. Nesta perspectiva a capacitação docente é essencial para o desenvolvimento de um trabalho de orientação sexual. No entanto, esta ação deve acontecer naturalmente obedecendo o tempo e as necessidades da criança.

O trabalho de orientação sexual na educação infantil deve acontecer de modo efetivo e contínuo, tendo como base a motivação e o estímulo dos professores e alunos para o desempenho satisfatório das ações. A equipe escolar poderá, também, criar projetos que visam promover a educação sexual, através de oficinas, palestras, rodas de conversas, histórias, teatro, músicas, ou seja, atividades lúdicas visto que nessa fase a criança aprende através da ludicidade, tais ações devem conter objetivos que envolvam uma ação conjunta entre a família, professores e alunos, trabalhando temas que envolvem a sexualidade, tais como: a afetividade, o respeito pelo corpo, a reflexão sobre as diferenças de gênero, expressões sexuais, bem como os tabus e preconceitos ligados a sexualidade. Nesta perspectiva é necessário o diálogo entre os educadores para a troca de experiências pedagógicas, entende-se assim que esse trabalho não deve pontuar a sexualidade apenas por uma dimensão biológica, mas também contemplando as demais dimensões inerentes a ela, tais como a afetividade, valores e comportamentos dentre outros.

Mesmo diante dessas afirmações a respeito do trabalho docente percebe-se que um professor não compartilha da mesma ideia, pois em sua opinião, “os professores não deveriam ter capacitação específica, pois a sexualidade faz parte do dia a dia, inclusive do professor”. Diante dessa afirmativa conclui-se que alguns professores ainda levam para sua prática educacional valores culturalmente transmitidos, não percebendo que a sexualidade é algo que necessita de olhares específicos inclusive sobre o prisma pedagógico.

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. (FREUD, 1905, p.106)

Tabela 6. Análise da sexta questão:

6- Você Acha que a família cumpre seu papel em relação a informações sobre a sexualidade infantil?
P1: Algumas sim, outras acabam não falando sobre o tema.
P2: Não.
P3: Do modo deles, pois há crianças que ao ver uma gravura, já identifica dizendo: “tia ele tem bilau”, referindo a imagem de um boi. A outra diz: “tia eu tenho perereca e meu pai tem bilau”, referindo à diferença do sexo dela e do pai.
P4: Não. A maioria dos conhecimentos passados pelos pais são indiretos e gera muitas dúvidas, talvez não seja intencional e sim por falta de conhecimento específico do assunto.
P5: Não.
P6: Não. Ainda falta muita informação aos pais, sendo assim dificulta a relação entre pais e filhos.

A questão aplicada busca compreender a opinião dos educadores em relação ao papel que a família exerce na orientação sexual de seus filhos. Diante das respostas adquiridas percebe-se que esta questão obteve respostas negativas, em sua maioria os professores informaram que a família não cumpre este papel e quando cumprem, o pratica de forma insatisfatória.

Neste aspecto a família é essencial na formação do ser humano e sua participação em sua sexualidade é fundamental pois, o indivíduo reproduz aquilo que capta em suas vivências, numa base familiar sólida que prioriza momentos de conversas e busca de soluções, o indivíduo se sentirá seguro para superar desafios que podem surgir.

Escola Municipal de Educação Infantil.

O segundo espaço educacional em que foi realizada a pesquisa é uma Escola Municipal de Educação Infantil, a mesma se localiza em um bairro de classe média da cidade de Uruaçu, mesmo sendo de responsabilidade do município a escola possui uma reputação privilegiada em relação a formação de seus alunos, sendo referência em educação de qualidade, fato que é comprovado pelas notas mensuradas pelo IDEB.

A pesquisa foi realizada durante o mês de novembro, foram entrevistadas 4

professoras da unidade, essas atuam na educação infantil desde o início de suas carreiras, são formadas em pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás de Uruaçu. As entrevistas foram feitas num espaço extra sala previamente definido pelas docentes.

Tabela 7. Análise da primeira questão.

01- Qual sua opinião sobre a orientação sexual nas unidades educacionais?
P1: A escola, o professor tem que estar capacitados para exercer a orientação sexual, para que possam auxiliar os alunos e não passarem informações inadequadas, mas sim conscientizando-os em relação a sua sexualidade.
P2: Acho relevante sendo que nesta faixa etária, muitos já assistem novelas, filmes, veem imagens que estimulam a sexualidade.
P3: É de extrema importância, pois, vivemos num mundo em que a sexualidade é bastante estimulada pela mídia e isso requer um trabalho diferenciado sobre orientação sexual.
P4: As crianças e adolescentes estão descobrindo a sexualidade cada vez mais cedo. É preciso passar informações sem reforçar mitos e preconceitos e possibilitando o diálogo da forma mais aberta possível. O ensino nas escolas pode orientar qual a maneira mais segura e responsável de desfrutar dessa liberdade.

Diante das respostas obtidas, verifica-se que todas as educadoras apontam a orientação sexual como uma ação fundamental nas unidades educacionais. Visto que o preparo do docente é necessário em todas as atribuições educacionais, a sexualidade também se concerne nessa perspectiva, pois se configura como uma área do saber. E com base nos próprios testemunhos das docentes é preciso que a escola e os professores se unam a fim de oferecer mediações frente as dúvidas sobre a sexualidade.

De acordo com uma professora, as crianças frequentemente aprendem sobre esse tema por meio da mídia, e esta geralmente não fornece informações seguras e esclarecedoras. Na verdade percebe-se que as mídias, principalmente a TV promove uma erotização infantil. Por conseguinte é imprescindível que a escola seja um local de debate sobre este tema, e com o envolvimento de todo o corpo escolar encontre caminhos para traçar ações que visem uma educação sexual de qualidade.

Tabela 8. Análise da segunda questão.

02- Você já participou de cursos na área da sexualidade infantil?
P1: Não.
P2: Nunca participei.
P3: Não.
P4: Não.

Na questão anterior as 4 professoras entrevistadas apontaram como importante a admissão da orientação sexual nas escolas. Porém na análise desta questão nota-se que as mesmas nunca participaram de cursos que envolvem esse assunto. Detecta-se diante dessa discrepância, que a educação sexual ainda recebe pouca atenção dentro do processo educativo, visto que cursos com essa temática ainda não alcançam integralmente as escolas e os professores, fator esse que gera transmissão de informações incompletas, permeadas de valores pessoais e morais e até mesmo num acobertamento das questões que envolvem a sexualidade.

Tabela 9. Análise da terceira questão.

03- Esta unidade de ensino oferece treinamento aos professores para tratar dessa temática?
P1: Não.
P2: Não.
P3: Não.
P4: Sim.

Evidencia-se que a escola em questão não oferece treinamento aos professores para abordagem da sexualidade. Sabe-se que é no ambiente escolar que o indivíduo apodera-se de preceitos que vão lhe acompanhar por toda vida. Sendo assim, é de suma importância essa instituição oferecer cursos que visam o treinamento dos docentes para uma educação sexual de qualidade.

Tabela 10. Análise da quarta questão.

04- Você acha que a escola deveria oferecer treinamento aos professores para tratar do tema? Por quê?
P1: Sim. Porque os professores precisam estar preparados para responder questionamentos e dúvidas dos alunos.

P2: Sim. Porque os professores precisam saber lidar com situações que envolve a sexualidade e que muitas vezes nos deixam embaraçados.
P3: Sim, para ampliarmos nossos conhecimentos sobre o tema adquirindo mais experiência e assim melhorar a nossa prática pedagógica.
P4: Sim.

As 4 professoras afirmaram ser importante oferecer treinamento aos educadores com o intuito de promover a educação sexual. As considerações feitas por essas foram bastante relevantes, uma vez que julgam necessário que os cursos de formação de professores a respeito da sexualidade devem ser inclusos em seus currículos, bem como sejam propostos cursos de formação continuada focando a educação sexual. Mesmo não participando desses treinamentos alegam que os ajudaram a melhorar sua atuação pedagógica, visto que lidam com essas situações em sala de aula e muitas vezes não sabem como solucioná-las.

Tabela 11. Análise da quinta questão.

05- você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar a orientação sexual infantil? Por quê?
P1: Sim. Por que há a necessidade das crianças adquirirem conhecimento sobre o assunto, e algumas perguntas, os professores não estão preparados para responder corretamente.
P2: Não. Não há necessidade de capacitação específica, mas quando houver as capacitações, é interessante abordar o tema.
P3: Sim, para podermos adquirir mais experiência, visando práticas pedagógicas significativas que deem resultados.
P4: Sim. Porque o professor poderia ser um grande agente na integração para orientação sexual nas escolas e a orientação sexual poderá ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo.

O professor como mediador do conhecimento estabelece vínculos de aprendizagem com a criança, sendo assim, o aluno precisa do professor a fim de aclarar caminhos para que esse construa seu próprio entendimento.

Ao se tratar de sexualidade, que é um tema complexo, essa ação deve se estabelecer de forma consistente. Dentre as respostas obtidas nota-se que a grande maioria das professoras afirmaram que é essencial a capacitação docente para a

abordagem do tema, essa se embasa na necessidade das crianças adquirirem conhecimento sobre o assunto, e na preparação dos professores para esclarecer dúvidas e questionamentos de forma correta. Visto que o professor é um agente na integração do conhecimento essas discussões abririam novas possibilidades, visando práticas pedagógicas significativas que deem resultados.

Mesmo diante da necessidade da educação sexual no ambiente escolar percebe-se que uma das educadoras afirma não ser necessária a capacitação do professor nesta temática. Justificando que esse assunto pode ser tratado com o próprio conhecimento de vida que o professor trás para a sala de aula.

Essa postura reforça a concepção equivocada que muitos professores tem sobre a sexualidade. Sem uma preparação pedagógica sólida a educação sexual se efetiva apenas como passagem de opiniões pessoais.

Tabela 12. Análise da sexta questão.

06- Você acha que a família cumpre seu papel em relação a informações sobre a sexualidade infantil?
P1: Não. Muitos não são capazes de iniciar uma conversa com este tema sem constrangimento, uma vez que quando eram crianças, a sexualidade também era tabu.
P2: Não. As vezes por constrangimento em falar no assunto, ou até mesmo, por desfecho ou falta de compromisso.
P3: Não, percebe-se que na maioria das vezes não há dialogo, abertura. Isso acontece devido constrangimento, falta de orientação de como abordar esse tema com a criança.
P4: Não.

No que se refere à participação familiar, as professoras entrevistadas afirmaram que a escola não cumpre seu papel em relação às informações sobre sexualidade. E quando o assunto é abordado, há pouca abertura para esclarecimentos de dúvidas velando a criança em suas emoções e seus sentimentos. Podemos observar que a não participação da família na sexualidade da criança gera consequências ruins para o seu desenvolvimento.

Reflexões sobre a pesquisa realizada.

O trabalho buscou a reflexão sobre como a sexualidade da criança tem sido trabalhada em instituições de educação infantil da cidade de Uruaçu. Investigando como os educadores reagem à manifestação da sexualidade em sala de aula, se estes leva em conta a sexualidade da criança, se há espaço para reflexão da temática nos contextos escolares, bem como a oferta de capacitação específica para os educadores. Verificou-se assim, que além de ser uma temática que está sendo muito discutida atualmente, tem sido também uma situação rotineira nas unidades de educação infantil que participaram desta pesquisa, uma vez que as crianças manifestam sua sexualidade no espaço escolar. Porém, ainda há muito receio no que concerne a este assunto.

Neste sentido, esta pesquisa traz uma contribuição teórica aos educadores e uma base para se repensar a formação e a prática educativa quando relacionada a sexualidade infantil. Após todo o levantamento dos dados, percebeu-se que os objetivos que nortearam a pesquisa foram atingidos sendo possível relacioná-los e compreender como a sexualidade infantil vem sendo tratada em sala de aula. Ficou evidente que são poucos os cursos de formação que abordam este assunto, conforme relatos das educadoras e quando ofertados, alguns são muito superficiais, dificultando a compreensão e o trabalho educativo.

Considerou-se de fundamental importância que o trabalho docente esteja pautado em estudos sobre a sexualidade, haja vista a necessidade de problematizar, questionar, dialogar e compreender os elementos histórico culturais que constituem esse aspecto da vida humana, não impondo regras consideradas historicamente como certas ou erradas, e sim respaldadas em sólido conhecimento acerca deste importante aspecto do desenvolvimento infantil.

Porém, dentro do cenário de nossas escolas de Educação Infantil ainda há um grande preconceito acerca da sexualidade, que fica reduzida a uma compreensão biológica, enfatizando atividades que primam pelo caráter higienista e preventivos no âmbito da saúde. Cria-se a relação de sinônimo entre sexualidade e sexo, sendo discutida nas aulas de ciências apenas como meio de informar quanto a doenças sexualmente transmissíveis, sistema reprodutor, contracepção, dentre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe sexualidade infantil? Provavelmente muitas seriam as respostas diante dessa pergunta, há 109 anos certamente diriam que a criança é um ser desprovido de sexualidade; num ambiente educacional possivelmente diriam que o importante para a criança é aprender sobre letras e números; num contexto familiar naturalmente poderiam dizer que isso é coisa pra deixar pra depois.

Em meio a um turbilhão de achismos, os sentimentos da infância se achavam camuflados, sobre a sociedade pairava ideias que reduziam a sexualidade a simples procriação. Por muito tempo concebeu-se a criança como desprovida de sexualidade, já que não seria possível que um ser tão inocente possuísse comportamentos sexuais. Freud com toda sua maestria e excentricidade se destacou ao falar que a sexualidade nasce junto com a criança e a acompanha por toda a vida. Com essa concepção descortinou o mundo da infância, mostrando que a sexualidade é um fator intrínseco a condição humana. Declarando em alta voz que para se entender a sexualidade do adulto deveríamos olhar para as crianças.

A sexualidade é parte integrante da condição humana, envolve todo comportamento de qualquer indivíduo. Deve ser considerada em todas as suas dimensões e não pode ser mensurada pela faixa etária, pelo contexto social, pelo gênero, ou outras colocações. Desta maneira os espaços em que a criança habita devem ser providos de preparo e orientação para que esta se desenvolva integralmente se constituindo como ser pleno e social. A escola e a família, como bases indispensáveis na construção da aprendizagem, são primordiais no processo educativo, se configuram como veículo de informação para estes sujeitos.

Cabe a nós estudantes, pesquisadores, professores, questionar e problematizar acerca do curso natural do desenvolvimento das crianças, para que tenham a possibilidade de dirimir suas dúvidas e assim poder viver de maneira plena todos os aspectos de sua existência, longe de tabus e paradigmas historicamente arraigados e reproduzidos em nossa sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2009.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **Orientação Sexual**. MEC. Vol. 10. Brasília, 1997.

LUCY, Dilma. **Educação Sexual: Eles querem falar sobre sexo**. Revista Nova escola, São Paulo, abril, 2006.

SCHINDHELM, Virginia Georg. **A sexualidade na Educação Infantil**. Revista Aleph Infâncias, São Paulo, v 5. N. 16, p. 1-16, Novembro, 2011.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. **A contribuição da Psicanálise à Educação**. In: CARRARA, Kester (organizador) – **Introdução à Psicologia da Educação: Seis Abordagens**. 1 ed. São Paulo: Avercamp, 2004. P. 13-46.

7. WEBGRAFIA

DIAS. Maria Olívia. **Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica o processo de comunicação no sistema familiar. Gestão e Desenvolvimento.** 2011. Disponível em: <http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestãoDesenv/GD19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf> Acessado em 15 de Out.2014.

GONÇALVES. R, FALEIRO. J. H, e MALAFAIA. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios.** 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br>> Acessado em 05 de Nov. 2014.

LEÔNCIO. Joana Maria Macedo. **A orientação Sexual nas escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais.** 2013. Disponível em: <<http://www.faceq.edu.br>> Acessado em 20 de Out. 2014.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ACEITE

Vimos através deste, solicitar permissão para que a (o) acadêmica (o) _____ venha desenvolver atividades nesta unidade escolar, a título de enriquecimento de seu trabalho de conclusão de curso, referente ao 4º ano, do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Universitário de Uruaçu, da Universidade Estadual de Goiás.

Destacamos a importância de tais atividades para a formação profissional de nossos acadêmicos e, desde já, nos colocamos a inteira disposição para prestar quaisquer esclarecimentos que se tornarem necessários.

Atenciosamente,

URUAÇU, ___/___/2014

Professor (a) Orientador (a)

Acadêmico (a)

Aceite do (a) Gestor (a)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ACEITE

Vimos através deste, solicitar permissão para entrevistar e posteriormente disponibilizar para publicação a entrevista a ser realizada pelo (a) acadêmico (a) _____, a título de enriquecimento de seu Trabalho de Conclusão de Curso, do 4º ano, de Licenciatura Plena em Pedagogia deste Campus Universitário, para a monografia intitulada _____

Destacamos a importância de tais atividades para a formação profissional de nossos acadêmicos e, desde já, nos colocamos a inteira disposição para prestar quaisquer esclarecimentos que se tornarem necessários.

Atenciosamente,

URUAÇU, ___/___/2014

Profª/Especialista/ Orientadora de TC

Aluno (a) Orientando (a)

ACEITE DO (A) ENTREVISTADO (A)

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

PESQUISA DE CAMPO: ENTREVISTA

Unidade educacional: _____

Nome: _____

Formação: _____

1- Qual a sua opinião sobre a orientação sexual nas unidades educacionais?

2- Você já participou de cursos na área da sexualidade infantil?

3- Esta unidade de ensino oferece orientação sexual e treinamento aos professores para tratar dessa temática?

4- Você acha que a escola deveria oferecer treinamento aos professores para tratar do tema? Por quê?

5- Você Acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar com orientação sexual infantil? Por quê?

6- Você Acha que a família cumpre seu papel em relação a informações sobre a sexualidade infantil?